

DESIGUALDADE SOCIAL

Ipea: só ganhamos de Serra Leoa

Quatro em cada dez brasileiros vivem em situação de miséria absoluta, o que faz com que o país ocupe o penúltimo lugar em distribuição de renda no mundo, segundo levantamento divulgado pelo governo

Luciano Pires

Da equipe do Correio

O Brasil das desigualdades convive com uma massa de pobres estimada em 53,9 milhões de pessoas (31,7% da população) e um contingente ainda mais miserável calculado em 21,9 milhões de habitantes (12,9% da população). Pelos números, pouco mais de 40% da população brasileira é composta de miseráveis. Os dados fazem parte do Radar Social, documento divulgado ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). A publicação reflete as condições de vida do brasileiro em 2003 e compila uma série de estatísticas oficiais colhidas em vários períodos.

Kleber
Lima/CB/26.4.05



Injustiça conhecida: O município de Itinga (MG), escolhido para lançamento do programa Fome Zero, está em uma das regiões mais pobres do país

Foram considerados “pobres” aqueles com renda domiciliar per capita menor que meio salário-mínimo (R\$ 120, em 2003). Os ‘muito pobres’ viviam com renda domiciliar per capita de até um quarto do salário-mínimo ao mês, naquele ano (R\$ 60).

A dificuldade brasileira em superar a desigualdade social está expressa em um ranking de 130 nações que mede (segundo o índice Gini) a distribuição de renda no planeta. O Brasil vai mal nessa comparação: é o penúltimo colocado e só ganha de Serra Leoa, na África. Em 2003, 1% dos brasileiros mais ricos (1,7 milhão de pessoas)

O relatório alerta que a solução para os problemas do país depende de uma combinação equilibrada entre crescimento econômico e desenvolvimento social. O desafio, reconhece o texto, é um trauma para a nação e para muitos governos, ao longo da história. “Só crescimento não basta. Mesmo que o Brasil vá muito bem, isso não é garantia de que a pobreza terá fim”, reforça Maurício Santoro, pesquisador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).

Os dados do Ipea revelam um novo número de pobres no país. Internamente, o governo federal está discutindo os critérios para caracterizar a massa de famintos. O assunto é polêmico. Direta ou indiretamente, todos os programas oficiais voltados para o social serão impactados após a escolha de um denominador comum. O exemplo clássico pode ser visto no modelo adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para delimitar as chamadas Metas do Milênio. “Eu adotaria os critérios internacionais. Aliar o dólar ao custo de vida é uma saída. Definir uma linha de pobreza pelo poder de compra parece ser o melhor caminho”, defende Marcelo Neri, um dos maiores estudiosos do país sobre distribuição de renda e miséria.